

DESGLOBALIZAÇÃO OU NOVAS MANIFESTAÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO

Alessandra Vanessa Teixeira¹

Carla Piffer²

INTRODUÇÃO

O debate sobre o atual estado da globalização, ou sua regressão por meio da desglobalização apresenta-se como uma das questões hodiernas, ante seu impacto político-estratégico, econômico e social.

Esta discussão tem início justamente em um momento em que a crise estrutural do capitalismo se manifesta em um lento avanço, desaceleração e até mesmo retrocesso de diferentes áreas do mundo. Deste modo, o objetivo geral do presente artigo é examinar se a globalização estaria retrocedendo – eis a desglobalização –, ou se esse fenômeno estaria se adaptando às novas realidades, fornecendo indícios das novas formas de manifestação.

Como objetivos específicos, faz-se inicialmente uma abordagem da clássica globalização, seus efeitos e principais características; na sequência objetiva-se apresentar os efeitos cíclicos do fenômeno para, ao final, verificar se estaríamos, ou não, diante da ocorrência da desglobalização.

Para tais finalidades, o presente estudo lança mão do método indutivo, com auxílio das técnicas da categoria, do conceito operacional, do referente e da pesquisa bibliográfica.

1 REMEMORANDO A “CLÁSSICA” GLOBALIZAÇÃO

¹ Doutoranda em Ciência Jurídica – PPCJ – UNIVALI. Mestre em Direito (UPF). Especialista em Direito Público (IMED).

² Professora dos Programas de Mestrado e Doutorado em Ciência Jurídica - PPCJ - UNIVALI. Professora do Mestrado Internacional Profissional em Direito das Migrações Transnacionais - UNIVALI. Doutora em Diritto pubblico pela Università degli Studi de Perugia - Facoltà di Giurisprudenza- Itália. Doutora em Ciência Jurídica (UNIVALI). Mestre em Ciência Jurídica (UNIVALI).

A globalização – objeto de tanta discussão e divergência – continua a ser abordada mesmo quando pareça que tudo sobre ela já foi – incansavelmente – debatido.

Aquela globalização, cujo ritmo acelerou-se significativamente a partir do final da Segunda Guerra Mundial, e mais ainda após o término da Guerra Fria, que configura sua essência a um fenômeno econômico, representou uma nova etapa na evolução do capitalismo, e se consolidou ante o extraordinário avanço tecnológico.

Nesta ordem, atribuiu-se às estas transformações a origem do sistema-mundo e do conseqüente ápice da globalização, com a reconfiguração da economia mundial e o surgimento de termos como internacionalização, mundialização, transnacionalização, sistemas mundiais e fábrica global³, com o intuito de justificar que houve uma “drástica ruptura nos modos de ser, agir, pensar em fabular” e que “o centro do mundo não é mais voltado só ao indivíduo”⁴.

A globalização é, portanto, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”⁵. Significa que muito do que se fala em todo mundo é referente à a globalização do capitalismo, no qual predomina o neoliberalismo, sempre combatendo duramente tudo o que é social tanto no socialismo como na social-democrata⁶. Convém mencionar também que embora comumente utilizados em conjunto, globalização e neoliberalismo não são verbetes sinônimos, pois “A Globalização é um fato histórico e o neoliberalismo uma teoria”⁷.

Mas a globalização não se resume apenas a esse novo modo de produção capitalista, estruturado em escala mundial. Ela decorre também

³ Estas são algumas das metáforas apresentadas por Ianni para justificar o papel desempenhado pela Globalização nos dias atuais. IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 43.

⁴ IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. p. 43.

⁵ SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 23.

⁶ IANNI, Octavio. **Capitalismo, Violência e Terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 332

⁷ GRAU, Eros Roberto. **A ordem econômica na Constituição de 1988**. 14.ed. São Paulo: Malheiros. 2010. p. 45.

da universalização dos padrões culturais, da necessidade de equacionamento comum dos problemas que afetam a totalidade do planeta, da relativização da soberania estatal frente os ideais das grandes corporações econômicas, dentre outros fatores.

Esta complexidade e coexistência de novos processos que circulam, se complementam e conflitam nas mais variadas direções, juntamente com as alterações percebidas nas relações entre os Estados e indivíduos e as consequências do enaltecimento dos ideais neoliberais demonstram somente uma análise prévia do fenômeno. Conforme expõe Giddens, "La globalizzazione può prospettare un modo non particolarmente attraente o raffinato, ma nessuno che voglia comprender in che direzione si muove il nuovo secolo può ignorarla"⁸.

A onda frenética globalizatória trouxe, portanto, a necessidade de convivermos com o novo e com o desconhecido. Assim, com o passar do tempo percebeu-se que a internacionalização do capital financeiro e o sistema formado pelas grandes empresas se utilizam dos sistemas técnicos contemporâneos para ditar as regras de produção, comércio e circulação de valores, as quais não aceitam discussão e exigem obediência imediata.

Verificou-se também que a política das empresas é aquela baseada na maximização dos lucros e minimização dos custos e, para atender a este requisito, fez com que esta dinâmica ultrapassasse fronteiras geográficas, interferisse nas culturas e civilizações e questionasse as cartas políticas dos Estados, tudo em nome da dinâmica e versatilidade do capital então internacionalizado.

Giddens, ao discorrer acerca da indagação se a globalização é uma força que promove o bem comum expõe que a resposta não pode ser dada de maneira simples, dado à complexidade do fenômeno. Ressalta também que quando se acusa a globalização de agravar as desigualdades sociais mundiais, se está pensando somente no seu viés econômico e

⁸ "A globalização pode não ser a perspectiva de um mundo particularmente atraente ou refinado, mas ninguém que queira compreender em qual direção se move o novo século pode ignorá-la" (tradução livre). GIDDENS, Anthony. **Il mondo che cambia**. Come la globalizzazione ridisegna la nostra vita. Bologna: Mulino, 2000. p. 19.

conclui que é absolutamente certo que o livre mercado não é um benefício puro. Abrir um país, ou regiões no seu interno, ao livre mercado pode afetar uma área de economia de subsistência local para se tornar dependente da venda de alguns produtos no mercado mundial é muito vulnerável⁹.

Além disso, convém destacar que as técnicas hegemônicas - filhas da ciência e a serviço do mercado global - promoveram profundas alterações nos laços existentes entre território, política e economia¹⁰. Sob a vertente econômica o local parece global e as distâncias parecem ter sido reduzidas, dando a percepção de que restou facilitada sua superação

Todas estas verificações servem para dar a impressão de que as fronteiras estatais desapareceram, pelo fato dos eventos econômicos propiciarem uma livre e rápida circulação de informações, valores e bens. A compartimentação dos territórios não é mais aceita. A acirrada concorrência se demonstra ausente de compaixão¹¹, pois a competitividade toma o lugar da competição, a concorrência atual não é mais a velha concorrência, e a competitividade tem a guerra como norma.

As fronteiras são cada vez mais permeáveis à circulação de capitais, mercadorias, produtos, mídia, moda, ideias, mas tendem a se fechar para a mobilidade das pessoas, pelo menos quando se toma a direção Sul-Norte na geografia do mundo, alterando substancialmente a natureza dos Estados nacionais, denotando, conforme mencionado alhures, alguns sintomas do seu enfraquecimento.

2 OS EFEITOS CÍCLICOS DA GLOBALIZAÇÃO

Diante dos efeitos verificados após o ápice da globalização, alguns acontecimentos mundiais passaram a se suceder em ciclos repetitivos que adentraram ao século XXI sem qualquer discrição. Cita-se, a título de

⁹ "GIDDENS Anthony. **Il mondo che cambia**. Come la globalizzazione ridisegna la nostra vita. p. 29.

¹⁰ SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. p. 53.

¹¹ SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. p. 46.

exemplo, a crise do México, de 1994, que gerou o chamado “efeito tequila”, ante o aumento da inflação devido à fuga de capitais, crise política, investimentos estrangeiros e déficit comercial.

Em 1997 o Sudeste Asiático vivenciou uma crise inicialmente restrita ao conjunto de países conhecidos como tigres asiáticos, e se espalhou para outros, afetando economias e mercados do mundo inteiro. No ano seguinte, a economia russa, recém-saída do comunismo, foi a próxima a ser atingida, entrando em colapso no ano de 1998, diante da queda abrupta dos preços do petróleo e a consequente fuga de capitais. A ela seguiu-se a crise da Argentina, que mergulhou numa profunda depressão econômica em 2001, o que a levou a recorrer ao FMI, acarretando uma crise de credibilidade com relação aos demais países em desenvolvimento.

No entanto, essas ocorrências recorrentes não se restringiram aos países conhecidos como periféricos. Em setembro de 2008, os mais variados Estados foram diretamente afetados pela quebra de um dos maiores bancos de investimento dos EUA: o Lehman Brothers, fazendo com que outras grandes instituições financeiras do mundo seguissem o mesmo caminho.

Diante dessas ocorrências, efeitos nefastos são sentidos em todos os continentes, afetando mais fortemente os países periféricos

Conforme relata Biavaschi¹², nos países periféricos, o quadro tem sido desolador. Desigualdades de vários níveis são aprofundadas e redefinidas à ação de um capitalismo sem diques. Em um cenário de extrema vulnerabilidade, em que a moeda está sob o controle dos “de fora”, os governos têm limitadas suas autonomias para a concretização de suas próprias políticas. No mundo do trabalho, as taxas de desemprego são elevadíssimas e a organização coletiva dos trabalhadores perde força, com reflexos negativos à formação da consciência que têm de si os trabalhadores como classe social.

¹² BIAVASCHI. Magda Barros. Fundamentos do direito do trabalho: nosso tempo? In: KREIN, José Dari et al. (Orgs.) **As transformações no mundo do trabalho e os direitos dos trabalhadores**. São Paulo: LTr, 2006. p. 37-38.

Ao lado do crescimento avassalador da economia global e dos mercados mundiais os problemas sociais atualmente evidenciados aumentam consideravelmente a cada ano. A consequência deste processo de transformação confirma-se através de resultados desoladores: prejuízos causados ao meio ambiente que comprometem, inclusive, a manutenção da vida na terra; aumento considerável da pobreza e o conseqüente aumento da marginalidade; exclusão social¹³; alcance de níveis alarmantes de desemprego; e milhões de migrantes se deslocando pelo mundo em busca por uma "salvação" é o retrato da sociedade atual.

O âmbito laboral enfrenta dificuldades cada vez mais sérias, pois o temor do desemprego se projeta como um fantasma que assola simultaneamente os Estados desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento. A atual demanda insuficiente da força de trabalho demonstra que a velocidade das transformações que hoje já podem ser vistas com nitidez superou essa etapa, baseada na estrutura do emprego, ou seja, do trabalho assalariado, cedendo lugar, cada vez mais, ao modelo da informalidade¹⁴.

Na verdade, percebe-se que o mundo foi colocado diante de um processo cíclico com reflexos degradantes que transcendem todos os limites, fragilizando o Estado e suas instituições, reduzindo atividades, eliminando empregos, desestabilizando moedas nacionais e fortalecendo conflitos étnicos. Isso sinaliza que não existem focos de pobreza ou determinados grupos de excluídos a proteger, mas que a sociedade mundial está diante de um problema muito amplo e generalizado que requer estratégias globais.

2 DESGLOBALIZAÇÃO OU NOVAS MANIFESTAÇÕES DO FENÔMENO?

¹³ Simon Schwartzman ressalta que "O conceito de 'exclusão social', como tantos outros nas ciências sociais, carece de definição precisa. Também como outros, ele é originalmente utilizado para superar as deficiências de conceitos correntes e seu mérito maior é agrupar os descontentes, não apenas estabelecendo uma comunidade de interesse, mas, geralmente, referendando uma nova problemática de investigação". SCHWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 36.

¹⁴ NOGUEIRA, Alberto. **Globalização, regionalizações e tributação: a nova matriz mundial**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000. p. 116.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a comunidade internacional se uniu para construir um futuro diverso da realidade até então vivenciada. Hodiernamente, árduos desafios entram novamente em cena, principalmente devido à recuperação lenta e desigual desde a crise financeira global de 2008, criando uma espécie de insegurança ou frustração generalizadas.

Estes fatos fazem surgir a dúvida sobre a possibilidade de estarmos vivenciando um movimento de desglobalização.

Tal terminologia, ligada às esferas econômica e política teria muitas semelhanças, por analogia, à teoria do decrescimento de Latouche¹⁵ com ênfase na questão ambiental, notadamente quando o autor afirma que “Debemos ralentizar, modificar nuestra relación con el tiempo, cambiar de ritmo. ¡Es la hora del decrecimiento!”¹⁶. Seria também “a hora da desglobalização?”

Há alguns anos já se fala em uma “desglobalização verde” no sentido de realocar as atividades produtivas das multinacionais acabando com a opressão no sistema de trabalho e evitando a degradação do meio ambiente¹⁷. Segundo Montebourg¹⁸,

El programa de desglobalización hace posible mejores salarios, permite el nacimiento de protecciones sociales allí donde no existen, y asegura progresivamente la mutación ecológica de la economía, porque busca circuitos industriales, agrícolas y productivos cortos, acercando los lugares de consumo a los lugares de producción. La desglobalización verde relocaliza por consiguiente las actividades productivas y afecta tanto

¹⁵ Para Latouche, “La mundialización, o globalización, triunfa y muestra muy pronto su verdadera cara: aumento de la explotación del hombre y de la naturaleza, financiarización de la economía, desregulación, deslocalizaciones, exclusiones, deterioro de los vínculos sociales, homogeneización cultural, occidentalización del mundo, degradación del clima y de los suelos, deforestación, desertificación [...]”. LATOUCHE, Serge; HARPAGÈS, Didier. La hora del decrecimiento. Traducción de Rosa Bertran Alcázar. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2010. p.46.

¹⁶ LATOUCHE, Serge; HARPAGÈS, Didier. La hora del decrecimiento. p.46.

¹⁷ MONTEBOURG, Arnaud. ¡Votad las desglobalización! Los ciudadanos somos más poderosos que la globalización. Barcelona: Paidós, 2011. p. 56.

¹⁸ MONTEBOURG, Arnaud. ¡Votad las desglobalización! Los ciudadanos somos más poderosos que la globalización. p. 56.

a las empresas multinacionales como a los Estados opresores del trabajo y del medio ambiente.

Além disso, o autor defende que a desglobalização está ao alcance de todos e demonstraria uma forma de reconciliação dos cidadãos com o mundo¹⁹.

Boaventura de Sousa Santos, por sua vez, afirma que a menção ao termo desglobalização é oriunda de dinâmicas nacionais (como o Brexit no Reino Unido e as políticas protecionistas do atual presidente Norte-americano) e subnacionais (ante o questionamento das fronteiras nacionais que resultaram de tempos e circunstâncias históricas muito distintas). O autor também destaca que a emergência ou reacendimento da afirmação de identidades nacionais ou religiosas em luta pela secessão ou autogoverno no interior de Estados, de fato, plurinacionais” seria outra fundamentação da era da desglobalização²⁰.

Neste momento surge a ambiguidade: estaríamos vivenciando um período de reversão dos processos de globalização – a desglobalização – ou houve uma estagnação da globalização diante das crises econômicas, políticas e sociais, fazendo com que ela apresente novas formas de manifestação?

Amorim Neto entende que o processo de globalização não se encerrou. O que teria ocorrido seria uma forma de estancamento do fenômeno ante os eventos negativos ocorridos entre 2008 e 2016²¹.

Para Sousa Santos, as ocorrências atuais estão longe de configurarem processos de **desglobalização**, pois “[...] constituem manifestações, como sempre contraditórias, de uma nova fase de

¹⁹ MONTEBOURG, Arnaud. ¡Votad las desglobalización! Los ciudadanos somos más poderosos que la globalización. p. 61-62.

²⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A ilusória desglobalização**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572689-boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²¹ AMORIM NETO, Octavio. Desglobalização. **Revista da Cultura**, [S.l.], v. 16, n. 28, p. 12-16, abr. 2017. ISSN 1984-3690. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/dacultura/article/view/1001>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

globalização mais dramática, mais excludente e mais perigosa para a convivência democrática, se é que não implicam o fim desta”²².

O autor²³ segue contextualizando essa nova fase da globalização frente aos tratados de livre comércio em curso entre Estados Unidos e Canadá a parceria transpacífico liderada pelos EUA, para enfrentar o seu principal rival, a China, e as negociações sobre a liberalização e privatização de serviços que em muitos países hoje são públicos, como a saúde e a educação. Além disso, analisa o sistema financeiro e chama atenção para o fato de que 28 empresas do setor financeiro ainda controlam 50 trilhões de dólares, isto é, três quartos da riqueza mundial contabilizada, sendo que a esmagadora maioria dessas instituições está registada na América do Norte e na Europa. E segue afirmando:

Perante isto, não me parece que estejamos diante de um momento de desglobalização. Estamos antes perante novas manifestações da globalização, algumas delas bem perigosas e patológicas. [...] Por tudo isto, a globalização hegemônica aprofunda-se, usando, entre muitas outras máscaras, a da soberania dominante, que acadêmicos desprevenidos e meios de comunicação cúmplices tomam por desglobalização.

Desse modo, defende-se que a globalização enfrenta uma verdadeira encruzilhada histórica e agora é a hora de enfrentar os desafios pendentes que a colocaram em risco. Sendo um momento de transição, deveriam as novas manifestações da globalização enfrentar os dilemas que hoje se apresentam com a maturidade de quem dispõe, por exemplo, de um sistema de governança transnacional (envolvendo as esferas locais, perpassando qualquer fronteira geográfica estatal) possui uma ampla gama de instrumentos para forjar uma globalização mais moderna e inclusiva.

A preocupação com a manutenção e preservação do meio ambiente, dolorosamente adquirida e sentida nas últimas décadas pode ser

²² SANTOS, Boaventura de Sousa. **A ilusória desglobalização**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572689-boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²³ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A ilusória desglobalização**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572689-boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao>. Acesso em: 10 ago. 2019.

outro grande aliado para defender a possibilidade de manifestações mais “sadias” do fenômeno.

Desglobalizar, portanto, não seria a saída mais inteligente para lidar com um fenômeno irreversível em um momento em que a humanidade não conseguiria mais viver sem o constante avanço tecnológico que também contribui para o aumento da expectativa de vida, por exemplo.

Afastando-se a desglobalização, aceita-se que o fenômeno se apresente com outra roupagem e se externalize de maneiras diversas das até então verificadas. Sejam os otimistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou da ambiguidade acerca da desglobalização ou da manutenção do fenômeno, talvez verificado sob uma nova roupagem. Verificou-se que o atual cenário econômico mundial encontra-se abalado por uma crise do sistema capitalista. Concomitantemente a esta crise, tem-se a globalização, sendo esta endógena ao capitalismo.

Problemas sociais, econômicos, políticos, fechamento de fronteiras e retração das relações múltiplas entre Estados sugeriram a possibilidade de estarmos vivendo uma época de desglobalização. No entanto, seguindo parte do ensinamento de Sousa Santos, conclui-se que estamos vivendo um momento de mudanças que afetam inclusive o modo como a globalização se apresenta. Seria a arena adequada para o avivamento de novas manifestações do fenômeno.

Noutro ponto, ousa-se discordar do posicionamento de Santos no sentido de que tais manifestações seriam mais perigosas do que as já verificadas. Dotado de um cunho otimista, este escrito entende que os avanços oriundos da globalização, aliados ao aprendizado havido com seus efeitos negativos, seriam um terreno fértil para se criar um sistema de governança transnacional que objetive uma nova globalização, mais experiente, moderna, inclusiva e preocupada com a preservação da espécie

humana, para que esta sinta-se preparada para enfrentar quantas manifestações da globalização forem necessárias.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

AMORIM NETO, Octavio. Desglobalização. **Revista da Cultura**, [S.l.], v. 16, n. 28, p. 12-16, abr. 2017. ISSN 1984-3690. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/dacultura/article/view/1001>>.

Acesso em: 11 ago. 2019.

BIAVASCHI, Magda Barros. Fundamentos do direito do trabalho: nosso tempo? In: KREIN, José Dari et al. (Orgs.) **As transformações no mundo do trabalho e os direitos dos trabalhadores**. São Paulo: LTr, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Il mondo che cambia**. Come la globalizzazione ridisegna la nostra vita. Bologna: Mulino, 2000.

GRAU, Eros Roberto. A ordem econômica na Constituição de 1988. 14.ed. São Paulo: Malheiros. 2010.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IANNI, Octavio. **Capitalismo, Violência e Terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LATOUCHE, Serge; HARPAGÈS, Didier. **La hora del decrecimiento**. Traducción de Rosa Bertran Alcázar. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2010.

MONTEBOURG, Arnaud. **iVotad las desglobalización!** Los ciudadanos somos más poderosos que la globalización. Barcelona: Paidós, 2011.

NOGUEIRA, Alberto. **Globalização, regionalizações e tributação: a nova matriz mundial**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

OLIVEIRA NETO, Francisco J. Rodrigues de. DEMARCHI, Clovis; ABREU, Pedro Manoel. (orgs), **Direito, Estado e Sustentabilidade**. Livro Eletrônico. São Paulo: Intelecto Editora, 2016. <https://www.univali.br/vida-no-campus/editora-univali/e-books/Documents/ecjs/E-book%202016%20DIREITO,%20ESTADO%20E%20SUSTENTABILIDADE.pdf>

PIFFER, Carla; CRUZ, Paulo Márcio. Manifestações do direito transnacional e da transnacionalidade. In: PIFFER, Carla; BALDAN, Guilherme Reibeito; CRUZ, Paulo Márcio (Orgs.) **Transnacionalidade e sustentabilidade: dificuldades e possibilidades em um mundo em transformação**. Porto Velho: Emeron, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A ilusória desglobalização**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572689-boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SCHWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.